

O PAPEL IDENTITÁRIO DOS HINOS DE APOCALIPSE 4 E 5

Valtair A. Miranda*

Resumo

Nosso propósito neste artigo é analisar as peças hínicas de Apocalipse 4 e 5 e refletir sobre o papel das mesmas na construção e manutenção da identidade social e religiosa dos leitores e ouvintes do livro no seu momento de produção. Argumentamos que os hinos registrados nas obras do movimento de Jesus possuíam um papel significativo na definição da autodescrição dos membros das igrejas, quer por representarem o que se cantava nas comunidades, quer como sugestão do que cantar. Cantar, então, não apenas descreve a divindade ou fala com ela, mas dá ao que canta um forte senso de identidade pessoal e social. Nos hinos, o fiel expressa o que ele, se ainda não é, pelo menos gostaria de ser.

Palavras-chave: *Apocalipse de João. Culto e ritual. Hino e liturgia. Cristianismo antigo.*

Abstract

Our purpose in this article is to analyze the hymn pieces of Revelation 4 and 5 and to reflect on their role in building and maintaining the social and religious identity of the readers and listeners of this book at the time of its production. We argue that the hymns recorded in the works of the Jesus movement had a significant role in defining the self-description of church members, either because they represent what was be sung in the communities, or rather as a suggestion to sing. Singing, then, not only describes the deity or speaks to it but gives the person who sings a strong sense of personal and social identity. In the hymns, the faithful express what he, if he still is not, at least would like to be.

Keywords: *Revelation of John. Worship and ritual. Worship and liturgy. Ancient Christianity.*

* Valtair Afonso Miranda é doutor em Ciências da Religião (UMESP/SP) e doutor em História (UFRJ). É Diretor Acadêmico da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, onde leciona História da Igreja e Exegese do Novo Testamento.

O capítulo 4 de Apocalipse inicia uma longa seção descritiva de um tipo de culto celestial. Aparentemente, este livro poderia ser dividido em três partes: uma seção para descrever a visão do Filho do Homem, que aparece a João para narrar sete cartas para sete igrejas (capítulos 1 a 3); uma seção para descrever a visão do rolo selado com sete selos (capítulos 4 a 11); e uma última para apresentar o conflito escatológico entre o Cordeiro e o Dragão (capítulos 12 a 22)¹. Neste sentido, o capítulo 4 seria o início da segunda seção. Sua narrativa começa com o ingresso do visionário por uma porta aberta no céu, e o subsequente acesso ao Templo Celestial. Na perspectiva da audiência deste texto, a cena elabora uma narrativa a partir de uma prévia experiência extática. Afinal, João continua na Ilha de Patmos, apesar do seu espírito vislumbrar o trono divino e uma série de personagens que participam da liturgia celestial. Apesar de se apresentar como a narrativa de uma experiência visionária, entretanto, o Apocalipse ecoa, por meio desta cena, um conjunto de tradições e passagens provavelmente bem conhecidas de sua audiência, como Êxodo 24,9-11, Isaías 6, Ezequiel 1,26-28, Daniel 7,9-28, 1Reis 22,19-23, 1Enoque 39 e 2Enoque 20-22, entre outras.

O primeiro versículo do capítulo 4 apresenta um anjo convocando João para subir ao céu. Este anjo promete mostrar ao visionário o que aconteceria “depois destas coisas”. O cumprimento desta promessa do anjo se dá, nos termos do relato, quando o Cordeiro, símbolo do Jesus crucificado, rompe sete selos de um livro selado e provoca sete trombetas escatológicas. Isso aparece do capítulo 6 em diante, já que os dois primeiros capítulos da seção (4 e 5) se dedicam ao ato litúrgico, num ritmo muito lento, apresentando as cenas e os atores do culto celestial.

Nosso propósito neste artigo é analisar as peças hínicas destes dois capítulos do Apocalipse e refletir sobre o papel das mesmas na construção e manutenção da identidade social e religiosa dos leitores e ouvintes do livro no seu momento de produção².

Celebrando a criação: o culto ao Deus entronizado

O capítulo 4 do Apocalipse apresenta um trono no céu, e em torno dele elementos típicos de uma teofania da Escritura judaica (Is 6,1-4). Como na visão

1. Para uma discussão dessa estrutura no formato de três seções, conferir o meu livro: MIRANDA, Valtair Afonso. *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2011.

2. Pressupomos que esta obra foi escrita no final do século I e enviada para membros do movimento de Jesus na província romana da Ásia, especificamente para comunidades nas cidades de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sárdis, Filadélfia e Laodiceia. Para uma análise mais ampla do contexto de produção do Apocalipse de João, conferir MIRANDA, Valtair A. Revisitando o contexto de produção do Apocalipse de João. *Reflexus*, ano IX, n. 14, p. 389-416, 2015; FRIEDRICH, Paulo Nestor. Apocalipse 2-3: Sete cartas? Uma análise literária. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 19, p. 149-173, 2000; WIKENHAUSER, Alfred. *El Apocalipsis de San Juan*, p. 25-34.

de Isaías, este trono divino é uma peça central. Tudo gira em torno dele. Ao seu redor estão quatro criaturas denominadas de Seres Videntes. Além destes, o relato apresenta também vinte e quatro tronos menores, nos quais se assentam vinte e quatro anciãos vestidos com roupas brancas, tendo coroas de ouro na cabeça. Independente da forma como os intérpretes contemporâneos interpretam estes personagens celestiais, o essencial é que todos estão envolvidos em atos litúrgicos. Eles adoram o ancião que se assenta sobre o trono.

Os Quatro Videntes, especificamente, têm como missão, sem descanso, dia e noite, expressar adoração (Ap 4,8). Deles, João ouve: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir”. O hino começa com uma expressão tríplice, originada em Isaías 6,3: “E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”. No texto de Isaías, a canção é entoada por Serafins, figuras parecidas com serpentes aladas. Esta passagem foi largamente usada em textos apocalípticos para compor as cenas do santuário celestial (1En 30,12; 2En 21,1; Ap Abr 16). Os grupos judaicos do segundo Templo, frequentemente, viam no tríplice “santo” a expressão perfeita do culto dos anjos, deduzindo daí um modelo para o culto na terra.³

É interessante comparar a versão de Isaías com a LXX e o Apocalipse e assim verificar a forma como as tradições literárias são retomadas no Apocalipse. A LXX, que normalmente traduz o termo *tsabaoth* por *pantokrator*, desta vez simplesmente transliterou o termo: *sabaoth*. João, entretanto, de forma consistente, continuou usando *pantokrator* no lugar de *tsabaoth*. De qualquer forma, ambas as expressões denotam um ser soberano sobre todos os outros deuses e senhores da terra. Ele é o Senhor dos Exércitos, o Todo-poderoso, o Senhor da terra toda. Isso dá ao conjunto da canção um tom de natureza política. A acentuação do “Senhor Deus Todo-Poderoso” é ainda maior porque o hino acrescenta à descrição divina a expressão “aquele que era, que é e que há de vir”, no que se configura uma afirmação da eternidade, imutabilidade e autonomia divinas, uma evocação do “eu sou” de Êxodo 3,14. Um Deus eterno não está sujeito às variações do tempo, ou às transições dos domínios humanos.

No momento em que os Quatro Videntes cantam o hino de Isaías, denominado frequentemente de “kedushá”, os Vinte e Quatro Anciãos se prostram diante do que se assenta no trono, depositando aos seus pés suas coroas de ouro. Desta vez, são eles que adoram: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4,11).

A forma literária é de aclamação, mas configurada em expressão hínica no texto do visionário. A estrutura do hino consiste do adjetivo “digno”, seguido do

3. PRIGENTE, P. *O Apocalipse*, p. 104.

verbo ser (na terceira pessoa do singular), mais uma série de atributos. Este é um hino de dignidade. A divindade é adorada porque é digna, e é digna em função da sua obra de criação.

Este hino também levanta a questão de quem é digno de ser adorado. Possivelmente, é uma peça litúrgica que surge em meio à disputa por adoração. Com um hino desse tipo, o Apocalipse tenta apontar quem é digno de adoração e, conseqüentemente, quem não o é.

Estas expressões querem responder à questão “quem é o verdadeiro senhor da terra”, ou então quem é digno de ser. A resposta do Apocalipse é clara: o Senhor da terra é aquele que a criou. A ele pertencem todas as coisas.

Estes hinos poderiam atuar na identidade da audiência de diversas maneiras, mas destacamos aqui apenas três. Primeiramente, ao ouvir tais hinos, ou cantá-los, a audiência acompanha os seres celestiais declarando o senhorio exclusivo de Deus sobre o mundo⁴. Deus é o verdadeiro Senhor da Terra, o que promove uma determinada filosofia da história. Um Deus Soberano está acima dos poderes e governos do mundo. Este tipo de divindade tem poder para controlar e dirigir a história da humanidade, e o fará levando-a até a instalação efetiva do seu Reino sobre a terra (Ap 5,10). O olhar sobre este futuro, mas iminente, reino alerta as comunidades de crentes que a vida que eles vivem no presente é circunstancial e peregrina. O seu destino ainda não chegou. Um primeiro efeito plausível, então, se daria na postura política dos fiéis cantantes, ao promover a perspectiva de oposição à sociedade circundante⁵.

Segundo, ao afirmar que somente Deus é digno de receber adoração, honra, poder, o hino afirma a singularidade da figura divina diante das pretensões imperiais romanas. E ao afirmar a singularidade de Deus, o hino também reforça a singularidade de seus adoradores. Mesmo que experimentando o desprezo da sociedade romana, os seguidores de Jesus se percebem como figuras especiais, pois formam o povo de Deus na terra.

Terceiro, este conhecimento do senhorio de Deus sobre o universo, e a singularizado do seu povo, é um conhecimento profundo que somente quem acessa as regiões celestiais conhece. Ninguém vê o que naquele momento, pois apenas os seguidores do Cordeiro poderiam enxergá-lo, especificamente quando se reuniam para seus encontros de culto. Desta forma, o culto se torna o espaço privilegiado para o acesso a um “outro mundo” no interior “deste mundo”.

4. BORTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse*, p. 53.

5. Para uma reflexão mais ampla sobre posturas de oposição do movimento de Jesus à estrutura imperial romana, cf. MIRANDA, Valtair A. Religião e sociedade na Ásia romana, *Religare*, v. 13, n. 1, p. 150-179, 2016; LAZIER, Josué Adam. A estratégia cristã no contexto da Pax Romana. *Estudos Bíblicos*, n. 36, p. 37-40, 1992; MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. A violência do Império Romano e a sua influência na vida das comunidades cristãs do fim do primeiro século. *Estudos Bíblicos*, n. 69, p. 72-82, 2001.

Celebrando a redenção: o culto ao Cordeiro

O capítulo 5 do Apocalipse apresenta uma crise. Qual é a crise? João é informado que há um rolo que ninguém pode abrir. Ele começa a chorar, até que alguém bate no seu ombro e diz: “Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos” (Ap 5,5). Ele ouve falar de um leão, mas quando olha o que vê é um cordeiro. É Jesus Cristo, na forma simbólica de um cordeiro ensanguentado, representando a centralidade do seu sacrifício na cruz no projeto de redenção divino. Daqui em diante, o Cordeiro, Jesus Cristo, já com o rolo na mão, vai começar a quebrar os selos do rolo, um por um. À medida que cada selo é removido, uma cena é testemunhada por João.

Jesus, que já aparecera antes na forma do Filho do Homem (Ap 1,13), agora é descrito como um cordeiro com aparência de ter sido morto, com sete chifres e sete olhos. São imagens que devem ser menos entendidas e mais sentidas. Chifres e olhos têm a ver com a presença do poder de Deus e do espírito de Deus. Mas de onde vem a imagem do Cordeiro?

Essa imagem tem analogia com o sacrifício e a morte. Uma passagem para estudar o significado de “cordeiro” está no Antigo Testamento, especificamente em uma profecia de Jeremias 11,19: “Eu era como manso cordeiro, que é levado ao matadouro; porque eu não sabia que tramavam projetos contra mim, dizendo: Destruamos a árvore com seu fruto; a ele cortemo-lo da terra dos viventes, e não haja mais memória do seu nome”. O profeta fala de si mesmo como um cordeiro que é levado mansamente para a morte. A passagem mais próxima de Jeremias é Isaías 53,7: “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”. O relato de Isaías 53 sobre o “servo sofredor” reaparece no Novo Testamento de diversas formas para falar do ministério de Jesus e sua morte (Lc 22,37; At 8,32-33; 1Pd 2,22), sendo muito importante para responder à questão de como o sofrimento e a morte de Jesus poderiam ser explicados diante da sua natureza messiânica.

É exatamente isso que aparece quando o Apocalipse descreve Jesus como um Cordeiro. Ele é o Messias pelo caminho do sacrifício. Mais ainda, o Cordeiro Jesus:

- É aquele que morreu e ressuscitou (Ap 5,6);
- É adorado pelas figuras celestiais (Ap 5,8.12.13);
- É o que tem o poder de revelar os eventos celestiais (Ap 6,1);
- É o que julgará todas as pessoas (Ap 6,16; 7,17), pois possui o Livro da Vida (21.27);
- É o que lavou as vestes dos salvos com o seu próprio sangue (Ap 7,9.10.14);
- É o que vence o Dragão em função do seu sangue (Ap 12,11);

- Vencerá as bestas (Ap 17,14);
- Se casará com sua noiva, a Nova Jerusalém, o povo de Deus (Ap 19,7.9; 21,9);
- Iluminará a Nova Jerusalém (Ap 21,23).

A imagem do cordeiro sacrificial, então, no Apocalipse, faz referência não apenas ao sofrimento e à morte, mas também à vitória, reinado, poder e glória. É a este Cordeiro exaltado que toda a adoração do capítulo 5 se dirige. Ele é digno de ser adorado porque, segundo os vinte e quatro anciãos e os Quatro Viventes, morreu, e com seu sangue comprou pessoas de todas as nações, constituindo-as reino e sacerdotes para Deus (Ap 5,9-10). Os mesmos seres que adoraram a Deus no capítulo 4, agora se rendem em adoração ao Cordeiro de Deus no capítulo 5 (Ap 5,9-10): “Digno és de tomar o livro e abrir-lhe os selos porque foste morto e compraste para Deus através do teu sangue pessoas de toda tribo, língua, povo e nação e os constituíste para o nosso Deus reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”.

Adela Yarbro Collins, estudiosa da Yale University (EUA), interpretou este rolo como uma epístola celestial, na forma de um livro de destino. Em outras palavras, ele seria uma tábua de eventos futuros. Os sete selos enfatizam simbolicamente a intensidade do segredo do conhecimento sobre os eventos futuros, cujo conteúdo é dado na forma de duas séries de sete visões (selos e trombetas)⁶. O Cordeiro seria o único digno de revelar para o visionário e sua comunidade o conhecimento escatológico. A base desta dignidade é a morte de Jesus Cristo.

A imagem de um cordeiro imolado já seria evocação suficiente à morte de Jesus, da mesma forma como sua posição em relação ao trono o afirma vivo e com poder para fazer especificamente duas coisas: comprar para Deus um povo exclusivo; e fazê-los reino e sacerdotes de Deus. Esta afirmação já apareceu antes (Ap 1,5-6) na forma de um hino entoado pelo autor na primeira pessoa do plural: “Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” Já neste hino ao Cordeiro, são os Vinte e Quatro Anciãos, diante do Trono no céu, que declaram esta mesma realidade. Seria uma maneira de indicar que os seres celestiais confirmam o *status* real e sacerdotal cantado pelos crentes na terra.

A origem dessas pessoas como “de toda tribo, língua, povo e nação” afirma o caráter não mais étnico do povo de Deus. A filiação não seria mais uma questão de sangue, mas de compromisso com o Cordeiro.

As formas verbais são bem precisas. Os seguidores do Cordeiro *já* foram comprados e *já* receberam a investidura real e sacerdotal. Seriam ações realizadas

6. COLLINS, Adela Yarbro. *The combat myth in the Book of Revelation*, p. 25.

por Jesus no momento de sua morte e ressurreição. Mesmo assim, uma reserva escatológica se manifesta: eles *ainda* reinarão sobre a terra. Eles *já* fazem parte do Reino de Deus e seu filho Jesus Cristo, mas este reino *ainda* não é visto por quem não faz parte dele. O cântico expressa a esperança, entretanto, que na intervenção última de Deus este reinado se materializará⁷.

Os cantores deste hino de dignidade ao Cordeiro são os Quatro Videntes e os Vinte e Quatro Anciãos. A cena ganha proporções ainda maiores quando, após o hino, anjos em número de “milhões de milhões e milhares de milhares” também cantam a mesma temática (Ap 5,12): “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”.

Enquanto a primeira canção de dignidade ao Cordeiro está na segunda pessoa do singular (um hino que fala com o Cordeiro), a canção dos anjos está na terceira pessoa do singular (um hino que fala do Cordeiro). Em ambas as canções, o objeto de adoração é descrito numa linguagem político-religiosa do antigo Israel. Ele é o Leão da Tribo de Judá, a raiz de Davi, que conquistou e, portanto, é digno de abrir o rolo que Deus entregou em suas mãos. Mas é, ao mesmo tempo, um Cordeiro em pé como se tivesse sido morto. É ele que tem o rolo na mão.

O Leão era usado como símbolo de poder no mundo antigo (Pr 30,30) e se tornou associado com o trono de Davi através da caracterização de Judá feita por Jacó (Gn 49,9). A raiz de Davi é uma metáfora para a linhagem de Davi (Is 11,10) e se tornou símbolo da restauração da monarquia davídica (Jr 23,5). Estas tradições do restabelecimento do Reino de Deus como um ato de força e poder eram tradicionais. Mas esta não é a perspectiva de Apocalipse, que inverte a imagem. O leão se torna cordeiro. Existe violência, sim, mas *contra* o cordeiro, não *do* Cordeiro. Ele tem poder e tem força para conquistar, mas seus atos de conquista passaram pela sua morte⁸.

Se Deus é digno por causa de sua obra de criação, o Cordeiro é digno por causa da redenção. Somente ele, então, é capaz de abrir os selos; somente ele venceu a morte. Ao inserir o tema da morte do Cordeiro na tradição messiânica davídica, o visionário insere na esperança messiânica política os aspectos da tradição sacrificial.

As cenas de culto celestial não eram novidade na apocalíptica. Entretanto, a presença do Cordeiro “como que morto” no Templo celestial, participando, ou mesmo recebendo o culto, é uma grande novidade do Apocalipse de João. Um número muito maior de epítetos nestes hinos de dignidade é lançado sobre o Cordeiro e não ao próprio ancião que estava assentado sobre o trono central do santuário.

7. Isto configura um determinado tipo de milenarismo, como analisado em MIRANDA, Valtair A. *Mártires e monges: milenarismos antigos e medievais*. Santo André: Kapenke, 2018, p. 43-72.

8. BARR, David L. *Tales of the End*, p. 70.

Após a adoração ao Cordeiro, o relato acrescenta que “toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há” se volta novamente para aquele que se assenta no trono. Sua descrição do culto celestial, assim, extrapola os espaços celestiais, pois envolve, também, o âmbito da terra e do mar, bem como todos os seus seres. A natureza inteira aparece envolvida na adoração celestial. O que eles cantam é: “Ao que se assenta sobre o trono e ao Cordeiro, o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio para os séculos dos séculos” (Ap 5,13).

Finalmente, ambos os personagens celebrados no culto celestial recebem, simultaneamente, a adoração. As cláusulas de dignidade se parecem com o hino dos anjos (Ap 5,12) e com o hino a Deus em Apocalipse 4,11. A glória e a honra aparecem nos três hinos. O poder é dado a Deus pelos Vinte e Quatro Anciãos e ao Cordeiro pelos anjos, mas não aparece na lista quando ambos são louvados juntos. Na adoração a Deus e ao Cordeiro, por sua vez, ainda se manifestam o domínio e o louvor, que não apareceram antes para Deus. De qualquer forma, todas as dignidades de Deus pertencem também ao Cordeiro, que ainda suporta outras. Somente ele, nestes três hinos de dignidade, teve celebrada a riqueza, a sabedoria e a força. Estes elementos sinalizam que, diferentemente das visões tradicionais do Templo celestial, no Apocalipse de João, não é Deus a figura principal, mas sim o Cordeiro. Ele é o personagem central da revelação do visionário.

Nos termos de Hurtado,

(...) judeus convertidos se reuniam para adorar em nome de Jesus, oravam a ele, cantavam para ele, entendiam que ele estava em uma posição celestial acima de toda a ordem angelical, usaram para ele títulos e passagens das Escrituras judaicas originalmente usadas para Deus, procuraram convencer outros judeus e também gentios a reconhecê-lo como o redentor messiânico escolhido por Deus, e em geral redefiniam a devoção tradicional ao único Deus para incluir a veneração a Jesus⁹.

Ao apresentar a adoração de elementos da natureza, o visionário ainda demonstra a possibilidade de elementos de fora do âmbito celestial participarem, de alguma maneira, do culto no céu. O que estes elementos celebram é a manifestação do Reino de Deus e seu domínio perpétuo. Os cantores deste hino representam toda a ordem da criação, que juntos adoram o que se assenta no trono e o Cordeiro¹⁰.

Como um responsório coral, a resposta vem daqueles que se encontram bem perto do trono, os Quatro Viventes, que respondem: “Amém”!

A conclusão da cena é um novo ato de prostração e adoração dos Anciãos (Ap 5,13-14). O verbo usado no Apocalipse para adoração é, predominantemente,

9. HURTADO, Larry W. *One God, One Lord*, p. 17-18.

10. MESTERS, Carlos & OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*, p. 182-183.

proskuneo. Ele aparece 60 vezes no Novo Testamento, mas em nenhum outro livro tem a importância que tem no livro de João. Ele aparece 24 vezes, indicando o quanto a questão da adoração é central para o visionário. O termo denota prostração, postura de submissão e homenagem, atitude que será repetida várias vezes no Apocalipse.

Finalmente, o culto ao Ancião e ao Cordeiro dos capítulos 4 e 5 de Apocalipse será interrompido pela série de selos e trombetas, mas aparecerá novamente em vários outros lugares da obra.

Conclusão

Retomando a questão inicial, sobre o papel destes hinos na autocompreensão religiosa e social da audiência do Apocalipse, acreditamos que eles funcionariam para afirmar um *status* exaltado dos seguidores de Jesus. Eles foram comprados para Deus e lhes pertencem agora. Como propriedade exclusiva de Deus, são seus sacerdotes, fazendo parte do Reino de Deus e do Cordeiro já no presente tempo. Por isso eles já podem cantar no presente todas as expectativas que as antigas tradições judaicas esperavam para a intervenção escatológica divina.

Profeticamente, o reinado de Deus e seu unguido se manifestam já no espaço sagrado do culto. O Templo celestial, sede do Reino de Deus, tem seu equivalente na terra no ajuntamento da comunidade de fiéis em adoração. Assim, separados da vida ordinária, dentro do limite do tempo e espaço ritual na assembleia de adoração no dia do Senhor, os seguidores de Jesus conseguiam ver o que ninguém mais via, e, mais do que isso, já antecipavam prolepticamente sua participação no Reino de Deus e seu Cordeiro.

Como contraponto, entretanto, esta perspectiva identitária promoveria algum tipo de rejeição à ordem social romana. A grande pergunta que os capítulos 4 e 5 de Apocalipse quer responder é: Quem é digno de adoração? Muita gente na época do Apocalipse dizia que o Imperador Romano era digno de adoração. Para aqueles que cantavam estes cânticos, entretanto, a sociedade romana pagанизada estava equivocada. É certo que os imperadores romanos eram pessoas muito poderosas. Tão poderosas que imaginavam poder receber honras e adoração como se fossem divindades. O culto imperial era efetivamente um problema para as comunidades receptoras do Apocalipse. Entretanto, em oposição a esta estrutura religiosa imperial, o Apocalipse responde com o convite para uma adoração exclusiva a Deus e seu Cordeiro, mesmo que o preço para isso fosse o caminho do martírio (Ap 14,13).

Valtair Afonso Miranda
Rua Uruguai, 514/202
20510-060 Rio de Janeiro, RJ
valtairmiranda@gmail.com

Referências

- BARR, David L. *Tales of the End: a Narrative Commentary on the Book of Revelation*. Santa Rosa: Polebridge Press, 1998.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse*. São Paulo: Paulus, 2008.
- COLLINS, Adela Yarbro. *The Combath Myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001.
- FRIEDRICH, Paulo Nestor. Apocalipse 2–3: Sete cartas? Uma análise literária. *Estudos de Religião*, n. 19, p. 149-173, 2000.
- HURTADO, Larry W. *One God, One Lord: Early Christian Devotion and ancient Jewish monotheism*. Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1988.
- LAZIER, Josué Adam. A estratégia cristã no contexto da Pax Romana. *Estudos Bíblicos*, n. 36, p. 37-40, 1992.
- MESTERS, Carlos & OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. A violência do Império Romano e a sua influência na vida das comunidades cristãs do fim do primeiro século. *Estudos Bíblicos*, n. 69, p. 72-82, 2001.
- MIRANDA, Valtair A. *Mártires e monges: milenarismos antigos e medievais*. Santo André: Kapenke, 2018.
- _____. Religião e sociedade na Ásia romana. *Religare*, v. 13, n.1, p. 150-179, 2016.
- _____. Revisitando o contexto de produção do Apocalipse de João. *Reflexus*, ano IX, n. 14, p. 389-416, 2015.
- _____. *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2011.
- PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1993.
- WIKENHAUSER, Alfred. *El Apocalipsis de San Juan*. Barcelona: Editorial Herder, 1969.